

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

JANAINA LOURENÇO DA SILVA
NACYRA LUCENA

ALUNO AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

Rio de Janeiro

2020

Aluno Autista no Ensino Fundamental Anos Iniciais

Autistic Student in Elementary School Early Years

Janaina Lourenço da Silva

Acadêmica de Pedagogia

Nacyra Lucena

Mestre em Educação

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo identificar, investigar, através de revisão bibliográfica e pesquisa de campo (entrevista), Apresentar as características do autismo / transtorno do espectro autista. Como o professor regente de turmas do ensino fundamental, ensina ao aluno autista e como o professor entende que o aluno autista aprende. Para atingir o objetivo, foi utilizado à pesquisa bibliográfica, além de uma pesquisa de campo, que será a entrevista com professores regentes de escola pública do ensino fundamental do município do Rio de Janeiro, de turmas com alunos autistas e incluídos e, ao final, a análise quantitativa e qualitativa das respostas, para responder ao problema. A experiência contada pelos regentes de turma com alunos autista e marcante, no início do ano um regente da turma achava que seu aluno fizesse todas as atividades proposta por ele, feita algumas observações o professor se adaptou ao aluno, foi feito uma adaptação das atividades para o aluno, este aluno apresenta dificuldade de adaptação e interação social, ele apresenta dificuldades para responder e manter a conversa com o professor, ele apresenta dificuldade na conversa verbal, mais demonstra interesse e se comunica com o olhar, tem dificuldade de conhecer as emoções dos colegas, demonstra dificuldade em ter contato, tem um padrão restrito e repetitivo de comportamento sempre mantendo a sua rotina. Este aluno apresenta dificuldades para fazer transições, pois o interesse dele é limitado e inteligente na sua área. Os professores consideram que a escola oferece apoio suficiente para seu trabalho, mas que há pouca contribuição de outros profissionais e falta de tecnologia de ensino adequada.

Palavras-chave: inclusão do aluno, interação professor aluno e educação especial.

ABSTRACT

This study aimed to identify, investigate, through bibliographic review and field research (interview), To present the characteristics of autism / autism spectrum disorder. As the teacher regent of elementary school classes, he teaches the autistic student and how the teacher understands that the autistic student learns. To achieve this goal, the bibliographical research was used, in addition to a field research, which will be the interview with teachers who are regents of public schools in the city of Rio de Janeiro, classes with autistic and included students and, in the end, the quantitative and qualitative analysis of the answers, to respond to the problem. The experience told by the class conductors with autistic and outstanding students, at the beginning of the year a conductor of the class thought that his student did all the activities proposed by him, after some observations, the teacher adapted to the student, an adaptation of the activities was made for the student, this student presents difficulty in adaptation and social interaction, he presents difficulties to respond and maintain the conversation with the teacher, he presents difficulty in verbal conversation, more shows interest and communicates with the look, has difficulty knowing the emotions of colleagues, demonstrates difficulty in having contact, has a restricted and repetitive pattern of behavior always maintaining his routine. This student has difficulties to make transitions, because his interest is limited and intelligent in his area. Teachers consider that the school offers sufficient

support for their work, but that there is little contribution from other professionals and lack of adequate teaching technology.

Key-words: inclusion, student teacher interaction and special education.

INTRODUÇÃO

Atualmente o processo de inclusão dos alunos com o Aspecto Autista vem aumentando nas redes Públicas e causando mudanças em todo o processo pedagógico e por sua vez certo desconforto na sala de aula/Não apenas os professores precisam estar capacitados para enfrentar esse novo desafio, mas principalmente os alunos, pais e a própria comunidade escolar – precisam compreender e conviver com alunos incluídos, todos os alunos, em destaque os autistas, o que – enriquece a formação humana de todos.

A pesquisa buscará apresentar, a partir de entendimento dos professores, como se dá a relação “ensinar” e “aprender” com esses alunos.

Problema: Como se trabalha com o aluno autista no Ensino Fundamental Anos Iniciais?

O objetivo geral desta pesquisa é Investigar como o professor ensina ao aluno autista no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Para alcançar o objetivo geral elencamos três objetivos específicos. São eles: Apresentar as funções do professor no trabalho com os alunos autistas no Ensino Fundamental Anos Iniciais; descrever como o professor atua no ensino de alunos incluídos / autistas no Ensino Fundamental Anos Iniciais. E apontar a experiência de professores com alunos autistas no Ensino Fundamental Anos Iniciais, através de pesquisa.

A pesquisa se justifica, foi desenvolvido no trabalho que faço com meus alunos e foi observada a importância de buscar novos conhecimentos para trabalhar com este aluno, pois vivencio situações que tenho certeza que me ajudara a entender melhor esse aluno, pois este aluno e uma caixinha de surpresa são pra mim e muito gratificantes quando vejo que ele com suas limitações entendem o que transmito a ele.

Esta pesquisa será relevante para professores e mediadores.

A hipótese para a pergunta norteadora Como se trabalha com o aluno autista na escola é que o professor que está iniciando o trabalho com alunos autistas têm encontrado grande dificuldade para ensinar, pois esta tarefa

depende muito de uma realidade e estrutura, que ainda não está à sua disposição.

Acredita-se que a pesquisa mostra como se dá o processo ensino-aprendizagem no cotidiano de uma turma com alunos diversos, servindo para compreendermos o processo.

A pesquisa será realizada através das seguintes metodologias: revisão bibliográfica e documental, e pesquisa de campo (entrevista com professores de escola pública do ensino fundamental com alunos autistas incluídos) e análise quantitativa e qualitativa das respostas, visando responder / esclarecerem o problema.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Essa pesquisa foi fundamentada nos autores abaixo e nos estudos mencionados, na proposta do presente artigo.

Eugenio Cunha. É doutor em educação, psicopedagogo, jornalista e palestrante. É pesquisador do GRUPPE/UFF/CNPq, professor da faculdade Cenecista de Itaboraí, Censupeg, coordenador pedagógico, e autor dos livros “Afeto e Aprendizagem”, Autismo e Inclusão.

Esse autor trata do assunto de inclusão escolar e as limitações do aprender de acordo com o desenvolvimento da criança.

Concordo que ainda tenha obstáculos referentes à inclusão educacional do aluno com autismo, seja em classe regular ou em classe especial, existe certo receio de atuar com o aluno com o autismo, seja pelo desconhecimento sobre a condição autista em si ou por defrontar diariamente com a possibilidade de não obter respostas diante de uma intervenção pedagógica com tal aluno.

Como se faz a inclusão? Primeiro, sem rótulos e depois, com ações de qualidade. Nos rótulos encontram-se as limitações do aprender, ou melhor, as nossas limitações. Devemos olhar para ele e transpomos as impressões externas das barreiras do ceticismo. São elas que mais impedem a inclusão do educando em nossos esforços e sonhos. Com efeito, a inclusão escolar começa na alma do professor, contagia seus sonhos e amplia seus ideais. A utopia pode ter muitos defeitos, mas, pelo menos, uma virtude tem: ela nos faz caminha. (CUNHA; 2014 pág. 20)

Marcia Denise Pletsch. É doutora em Educação, com mestrado em Educação e especialização em Altas Habilidades pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) 2006- 2009. Graduada em Educação Especial, com Habilitação em Deficiência Intelectual, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Associada do Instituto Multidisciplinar e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Coordena o Grupo de Pesquisa Observatório de Educação Especial e Inclusão Educacional (OBEE/UFRRJ).

Essa autora trata o assunto da Inclusão Escolar e a importância das políticas de Educação Inclusiva.

Preocupada com o impacto dessa política no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a autora percorre um caminho que nos leva da formulação de documentos, até chegar ao cotidiano de salas de aula.

“A função do educador especial em classe especial face à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular.” (PLETSCH, 2014 pág. 23).

Heber de Souza Maia Filho. Médico especialista em Neurologia Pediátrica (Graduação e Residência Médica na UFRJ). Mestre em medicina (área Neurologia) e doutor em Psiquiatria pela (UFRJ). Professor adjunto de pediatria da (UFF). Pesquisador do programa de Pós-Graduação em Neurologia/Neurociências e Pós-Graduação em Saúde Materno Infantil da UFF. Pesquisador da Unidade de Pesquisa Clínica (UFF).

Com base na abordagem, é primordial a ação da família na autoestima do seu filho com necessidades educacionais especiais. É um grande desafio no cenário escolar o aluno com espectro autista, trata-se da ação pedagógica com esse aluno. De acordo com Heber Maia, o planejamento do atendimento à criança com autismo deve ser estruturado de acordo com o desenvolvimento dela.

A autoestima é uma característica do ser humano construída a partir das construções e das reflexões que a criança vai tendo em relação ao mundo e como esse se relaciona com ela ao percorrer o trajeto de sua existência. Envolve a capacidade de refletir sobre si mesmo e avaliar a pessoa que é... (Maia 2011 pag.21)

Dayse Serra Professora na (UFF), pesquisadora e escritora. Atua no magistério há 34 anos e em diversas áreas da educação e clínica com larga experiência. É Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, Mestre em Educação pela UERJ e Psicopedagoga especializada em TEA.

Ao escolher esta autora defini no que agregaria no meu artigo e na minha formação como educadora.

Essa autora trata da alfabetização de alunos com TEA, a alfabetização com este aluno autista e natural e espontânea, construir um material para a necessidade desse aluno com imagens para sua visualização e percepção da rotina escolar.

Acreditei que o processo da palavração seria o mais indicado para alfabetizar um aluno com autismo. Mas a experiência e os estudos mostraram-me que esse não era o caminho, pois a tentativa de alfabetizar com palavras-chave que se dividiam em sílabas, transformavam-se em famílias silábicas, reforçando ainda mais a memorização sem compreensão (SERRA 2018 pag.18)

Sílvia Ester Orrú. Pedagoga. Psicopedagoga. Mestre e doutora em educação. Docente do programa de Pós-Graduação da UNIPAC. Palestrante de eventos de formação de professores e educação inclusiva. Autora do livro “Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar”. Autora de diversos artigos e capítulos de livros publicados na área da educação inclusiva.

A autora aborda aspectos essenciais sobre o autismo, como principais sintomas, aborda questões históricas e a necessidade de sua de sua ocorrência precoce. Trata-se de um assunto interessante não somente para os pais, mas também para os professores.

Como se pode perceber, os resultados dos estudos e das pesquisas são bem variáveis. Isto quer dizer que há muito que se estudar e investigar acerca da dimensão da síndrome do autismo. Baseada na proporção internacional, já que nenhum censo semelhante foi realizado (ORRÚ, 2011 pag.24).

DESENVOLVIMENTO

COMO O PROFESSOR ENSINA AO ALUNO AUTISTA

O desenvolvimento do artigo tem o intuito de ressaltar a importância como o professor ensina ao aluno autista e como o professor entende que este aluno autista aprende.

AS FUNÇÕES DO PROFESSOR NO TRABALHO COM OS ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS;

Com relação à participação do professor na inclusão da criança com autismo no Ensino Fundamental anos Iniciais, o professor tem um papel determinante, o professor e quem recepcionam e estabelecem o primeiro contato com a criança, sendo positivo ou negativo, sendo assim, ele é responsável por determinar ou não o processo de inclusão. É fundamental a formação e a capacitação dos professores. No entanto, o professor exerce o papel de mediador que para o aluno autista é essencial que se mantenha o diálogo constante com ele e a rotina.

É importante o professor fazer o acolhimento individual com esta criança com brinquedos, fazer a redução de horários para sua adaptação progressiva, organizar o deslocamento para outro ambiente, as rotinas em sala de aula e com isso favorecer a apropriação da experiência escolar para a criança.

“De acordo com o **Art. 13**. Os docentes incumbir-se-ão de:

- I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; elaborar o PEI - Planejamento educacional Especializado para o aluno.
- II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III – zelar pela aprendizagem dos alunos;.
- IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; (LDBE Lei nº9394 de 20 de Dezembro de 1996).”

O professor deve zelar pela aprendizagem proporcionando possibilidades para que esta se realize dentro de suas especificidades. Utilizando material pedagógico e material adaptado para facilitar o processo.

Atualmente tem uma grande procura nas escolas regulares para matricular as crianças autistas e cada vez mais as escolas e professores devem se adequar para proporcionar às crianças com autismo habilidades sociais para que melhorem seu desempenho no âmbito educacional, social e ocupacional.

No que tange à inclusão de alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino, encontramos muitos desafios que requerem uma reorganização profissional e criatividade por parte do professor, pois a mera inserção do aluno na escola não é capaz de garantir o acesso ao conhecimento. (Cunha 2014) alega que no momento em que “[...] acreditamos no indivíduo, no seu potencial humano e na sua capacidade de reconstruir seu futuro, o incluimos, e nossa atitude torna-se o movimento que dará início ao seu processo de emancipação”. O autor ainda afirma que “[...] a inclusão escolar inicia-se pelo professor” e “[...] nem sempre, existem as possibilidades de preparação daqueles que trabalham na escola” (CUNHA, 2014).

O aluno com Transtorno do Espectro Autista tem dificuldades de comunicação e tem uma limitação de interagir com as outras pessoas e apresenta grandes dificuldades ou ações do seu interesse.

Embora tenha níveis de comprometimento do autista é de extrema importância salientar que toda criança é capaz de aprender e desenvolver no seu tempo.

Com o resultado os professores tem que empregar técnicas especiais, a fim de tentar estabelecer a comunicação entre eles.

São práticas que estão amparadas pela LDB, foi regulamentado pela Resolução nº 02/2001, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, e ratificada pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Cabe aos professores buscar na formação acadêmica e na formação continuada as bases constituintes dessas práticas.

Tendo em vista a dedicação do professor ao trabalho, nas leituras, na busca de alternativas pedagógicas que permitam não somente o desenvolvimento dos alunos regulares, mas a sua interação com os incluídos, de modo a que ambos se beneficiem e enriqueçam com a experiência. Por fim, a criatividade, que é resultado das experiências acumuladas e desenvolvimento pessoal, e também do acesso á diferentes recursos e infraestrutura que a escola venha a disponibilizar.

O autista desenvolve uma fixação por certos objetos, o professor pode estar trabalhando em cima disso;

Fazer um relatório dos interesses preferencias e coisas que causam desconforto a criança;

Utilizar materiais de agrado da criança na aula e no recreio para estabelecer um vincula com as pessoas no ambiente escolar;

Trabalhar por período curto, em atividades e acrescentar gradativamente materiais ou objetos do interesse do aluno;

Falar somente as palavras mais importantes, pois o autista não processa a linguagem;

Desenvolver uma rotina, estimular a participação em tarefas, tentar conhecer a capacidade de cada aluno para utilizar como entrada para as atividades de ensino.

A função do professor no trabalho com o aluno autista vai além do que já está legislado. O professor acima de tudo precisa ser amigo desse aluno que dentro do Espectro só se abre para quem consegue ter a sua confiança, pois como diz Paulo Freire: *“Não se pode falar em educação sem falar de amor”* (1996, pag.10).

Aprende-se, portanto, que a escola é fundamental para todas as crianças, pois é nela que se aprende a viver em sociedade e todas as crianças devem ter acesso para que se aprenda a conviver com as diferenças, tornando necessária a participação de crianças autista em ambientes como esse.

Para que a educação de crianças com o TEA tenha resultados proveitosos, faz-se necessário que a forma de ensinar seja preparada para lidar com a diversidade que há nas salas de aula a fim de acolher adequadamente as manifestações do transtorno.

“Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Paulo Freire.1996, pag.25)

Para que a mediação educativa aconteça é preciso que o educador conheça os aspectos do transtorno, assim como os métodos e programas desenvolvidos para auxiliá-lo na educação da criança autista. O professor deve conhecer também as dinâmicas institucionais estabelecidas para que atue em consonância com elas.

No caso do aluno autista, percebe-se que ele precisa ser compreendido em sua essência e ser visto como pessoa capaz de desenvolver habilidades mediante estratégias adequadas. Ter sensibilidade e acuidade para trabalhar com esse aluno e descobrir suas aptidões e capacidades é de fundamental importância na vida profissional do educador. Conquistar a confiança de um aluno autista e construir laços com ele é um grande desafio, mas possível.

Comece de forma sutil, mostre que você está ali para ajudá-lo em todos os desafios. Um dos segredos para o sucesso nesse quesito é a comunicação utilizada, numa linguagem clara, objetiva e sem conotações. Pessoas com TEA não compreendem piadas e expressões de sentido figurado. Livros e filmes podem ser usados para explicar as diferenças entre os alunos no início do ano.

Portanto, o envolvimento dos professores com outros profissionais da escola propõe um melhor incentivo profissional além de reafirmar o papel de cada um na equipe de trabalho contribuindo de forma positiva para a aceitação destes alunos autistas por parte de quem ensina.

Com relação à compreensão da pessoa com autismo, cremos que quanto mais clara e objetiva se der as possibilidades de se obter retorno. Isso é observável, tanto em casos de autistas de alto-funcionamento como nos casos de autismo associado a outras patologias, que trazem consigo... Tem dificuldades com metáforas e ironias, por isso a necessidade de ser claro e objetivo no processo de comunicação (Silvia Ester Orrú, 2011, pág.35).

Uma criança autista é tanto, e às vezes até mais inteligente que outros estudantes, por causa de seu lado sensorial altamente desenvolvido, e do ponto de vista cognitivo que cada criança tem. Independentemente de os distúrbios de linguagem ou não, dificuldades de aprendizagem ou não, dificuldades de comunicação ou não, é necessário que o professor vá além dos estereótipos, e saiba como tirar proveito e se beneficiar da comunicação não verbal que uma criança autista apresenta.

É importante pensarmos em capacitar melhor os professores de música, para que esses possam lidar de forma mais adequada com o autismo no contexto pedagógico, uma vez que esses alunos podem se desenvolver musicalmente muito bem e com isso, melhorarem outras questões importantes para seu desenvolvimento global. Conclui-se que uma pessoa com TEA pode ter bom rendimento musical e usufruir do conhecimento desta arte, como qualquer outra pessoa, e que este processo pode contribuir também com o desenvolvimento de questões relacionadas à cognição, Teoria da Mente e comportamento.

DESCREVER COMO O PROFESSOR ATUA NO ENSINO DE ALUNOS INCLUÍDOS / AUTISTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.

De acordo com As Leis Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 e a Lei nº 12.764/2012, que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e a Constituição Federal garantem o direito à educação e, conseqüentemente, acesso à escola, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua raça, etnia, origem ou outra característica.

O professor atua com seu aluno com material construído para sua necessidade. Com imagens para visualização e percepção da rotina escolar e quando necessário com a comunicação alternativa para os alunos não oralizados. Sempre utilizando imagens e/ou material concreto como apoio na realização das atividades.

Se o cenário do insucesso na educação de alunos é tão nítido, pensamos agora como é a situação quando um aluno tem necessidades educacionais e mais especificamente, que o objetivo do nosso trabalho, o TEA (Transtorno do Espectro Autista). (SERRA, 2018,pág.25).

Em relação ao aluno com autismo, a alfabetização e o argumento diminuem o potencial e a probabilidade, já que este aluno tem dificuldade na interação social e na flexibilidade intelectual. É difícil alfabetizar um autista com o contato natural, já que o mesmo apresenta dificuldades de interação social.

A presença que significa “o aluno estar na escola”, isto é, substituir o isolamento do ambiente privado pela inserção do indivíduo num espaço público de socialização e aprendizagem; a participação, que depende não apenas de “estímulos” de colegas e professores, mas do oferecimento das condições necessárias para que o aluno possa participar realmente das atividades escolares; a construção de conhecimentos, e a função primordial da escola. (PLETSCH,2014,pag.98)

As escolas priorizam as atividades e a convivência social do aluno com autismo em seu contexto escolar, este aluno fica exposto às atividades normais da turma. Educadores relatam o seu esgotamento físico e psíquico de não saber como proceder para alfabetizar este aluno, se sentem sozinhos para a elaboração das atividades que são adaptadas para eles. Pois não foram preparados para lidar com um aluno autista, e que a cada dia é um novo aprendizado.

Sendo assim, o primeiro passo do processo de alfabetização de alunos com TEA é caracterizado por duas avaliações importantes: a

análise da comunicação pré-verbal e a análise das habilidades da pré-alfabetização. (SERRA,2018,pag36).

Com base na alfabetização do autista temos que apresentar as vogais, isso não é uma regra, eles apresentam sons mais simples de nossa língua outro já terá a percepção compreendida. Para alfabetizar este aluno usamos as imagens e o som, pois esta pronuncia deve ser prolongada. Alfabetizar é sempre um desafio, quando se trata de uma criança diagnosticada com TEA, o ponto a ser considerado é o conjunto de características do aluno: percepção de mundo, sensações, desenvolvimento linguístico. Todos esses itens são imprescindíveis, porém eles estão ligados a um aspecto que é o ponto principal para professores: o pensamento da criança. Qual a maneira que ela encontra para lidar com suas dificuldades.

Na rede Pública os professores tem pouca experiência para lidar com alunos incluídos. Aprendemos na prática, com a vivência diária com o aluno. É difícil produzir e dar a atenção que eles necessitam, devido a salas lotadas e falta de um mediador. Criamos, adaptamos planejamento e fazemos o melhor, dentro das nossas possibilidades.

O trabalho em sala de aula é um tanto complexo, vai depender das características do aluno, tendo em vista ser autismo um espectro, sendo assim, não temos como padronizar o trabalho ou a forma de ensinar.

Cada aluno apresenta peculiaridades que devem ser consideradas no momento de planejar as atividades e traçar objetivos. Um dos principais objetivos é tentar estabelecer uma comunicação com aluno visto ser essa uma área em que o aluno autista apresenta prejuízo.

Procuramos trabalhar uma rotina a fim de dar maior segurança ao aluno e com temas de seu interesse, nesse sentido se torna imprescindível à parceria com o responsável porque são eles que te dão “dicas” sobre o que funciona com o aluno o que ele gosta as terapia que faz e reações do aluno diante de situações específicas, na verdade essas informações te ajudam no trato do aluno em sala de aula e no planejamento e objetivos a serem alcançados.

Acreditei que o processo da palavração seria o mais indicado para alfabetizar um aluno com autismo. Mais a experiência e os estudos mostraram-me que esse não era o caminho, pois a tentativa de alfabetizar com palavras-chave que se dividiam em sílabas,

transformavam-se em famílias silábicas, reforçando ainda mais a memorização sem compreensão. (SERRA, 2018, pág. 18).

O trabalho com o aluno autista tem que ser versificados, hoje na rede municipal de ensino tem o estagiário ou o AAEE (Agente Auxiliar de Educação Especial) que faz o acompanhamento deste aluno incluído esse profissional acompanha o aluno incluído dentro da sala de aula regular onde a professora regente faz atividades versificadas dentro de um contexto que esse aluno apresenta e qual a deficiência que ele apresenta dentro do currículo e esses profissionais fazem em especial e auxilia a professora no momento da apresentação dessa atividade na hora que esta sendo apresentada para toda a turma. Para esses alunos incluídos, em especial e as atividades dependendo do currículo que você for aplicar português, matemática e assim das outras matérias em específico que você vai dar no conteúdo do currículo.

Os autistas são acompanhados pela estagiaria ou AAEE onde todo o trabalho de inclusão é feito, porque o trabalho social é feito com mais intensidade do que trabalho cognitivo escrito até porque muitas vezes a coordenação motora tem alguma comorbidade junto ou apenas só autista, mais normalmente sempre vem alguma comorbidade junta a alguma dificuldade. Às vezes eles apresentam transtorno de atenção com déficit de hiperatividade (TDHA), eles não param muito quietos ou tem algum problema auditivo, todo esse trabalho tem que ser feito quando a criança chega. O professor tem que fazer uma entrevista com o responsável da criança e tem o PEI (Plano Educacional Individualizado) e um planejamento exclusivo para aquele aluno, que deve ser feito mensalmente com uma avaliação que é feita desse aluno nos quatro bimestres conforme a avaliação do progresso ou estagnação desse aluno dos avanços ou até mesmo dos retrocessos, após esta entrevista que você vai começar a ter o passo inicial com esse aluno pra você saber como é a história desse aluno como esse aluno chegou pra você da educação infantil para os anos iniciais, se ele não foi da mesma escola.

Professor do Atendimento Educacional Especializado - AEE Conforme Resolução CNE/CEB n.4/2009, art. 12, para atuar no atendimento educacional especializado, o professor deve ter formação inicial que o habilite para exercício da docência e formação específica na educação especial. O professor do AEE tem como função realizar esse atendimento de forma complementar ou suplementar à escolarização, considerando as habilidades e as

necessidades específicas dos alunos público alvo da educação especial (BRASIL 2010.).

Ainda não é obrigatório você ter psicopedagogia ou neurociência, todas as pós são de extrema necessidade até mesmo pra você ter uma visão do aluno e saber como aborda-lo. Hoje o que você precisa pra estar atuando na classe especial ou na classe regular com aluno incluído você precisa ter educação especial ou psicopedagoga na educação especial ou na sala de recurso o professor precisa ser habilitado para exercer a função.

É APONTADA A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES COM ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.

A proposta principal do trabalho foi verificar a interação do professor com o aluno autista no Ensino Fundamental dos anos iniciais na educação com alunos incluídos com autismo. E analisar como o professor ensina e como o aluno autista aprende.

O estudo foi realizado em uma instituição de Ensino Fundamental dos Anos Iniciais da Rede Pública do Município do Rio de Janeiro. A escola oferece classes da educação infantil ao quinto ano do fundamental. Os dados foram coletados durante diferentes atividades realizadas na própria sala de aula de cada turma. Foi feita uma entrevista com objetivo de verificar as concepções das professoras a cerca da educação especial e inclusão, particularmente a LDB 9394/96.

Com base no estudo feito sobre a interação do aluno autista com o professor, tenho um relato de uma professora da Sala de recursos, que trabalha há 18 anos no ensino fundamental anos iniciais. (7 anos no EE e 3 anos na sala de recursos).

O professor ensina sempre com material visual e material concreto como apoio. É necessário seguir uma rotina, pois os autistas necessitam da rotina para o desenvolvimento.

O aluno aprende após compreender a rotina, se familiarizando com o material e as atividades geralmente realizando-as repetidas vezes.

O Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução CNE/CEB nº 4/2009, estabelece as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, definindo que:

Art. 5º O AEE é realizado, prioritariamente, nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, em centro de atendimento educacional especializado de instituição especializada da rede pública ou de instituição especializada comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a secretaria de educação ou órgão equivalente dos estados, do Distrito Federal ou dos municípios. (BRASIL 2010.).

Como o professor ensina ao aluno autista e como o aluno autista aprende?

Um relato de uma professora do 1º ano do ensino fundamental anos iniciais (Leciona há 10 anos). Minha experiência foi enriquecedora com um aluno durante 2 anos , crescemos na aprendizagem simultaneamente, pois nunca havia trabalhado com alunos incluídos.

Sua facilidade de aprender me surpreendeu e tirou a impressão que eu tinha, de não haver como alfabetiza-lo. Ensinou um modo diferente de amar e ser amado.

Ensinou ao grupo, como lidar com as diferenças, ganhou seu espaço e seu respeito, mesmo distante de suas necessidades, venceu. Viveu o ciclo da aprendizagem.

A autoestima desenvolve-se como sementes (...) na terra e com água, luz e calor, tem passado, presente e futuro e crescerá e se fortalecerá cada vez mais (...).
As crianças amam (...) quando as amam, os adolescentes amam (...) para que os amem, os adultos amam (...) sem que os amem. (Maia, 2011 pag.20).

De acordo com a professora do 3º ano (Leciona há 25 anos). A definição desse aluno era bem agitada. Como não havia estagiária sua mãe permanecia na sala juntamente com ele.

Esta era a forma possível para que ele se acalmasse e realizasse as atividades propostas. Era praticamente inviável dar suporte ao aluno juntamente com o resto da turma.

As atividades eram pensadas e elaboradas em conjunto com a coordenadora e professora da sala de recurso. Atividades adaptadas ao aluno e ao seu interesse, horário do aluno em questão era reduzido. Infelizmente na

escola onde trabalhei não houve qualquer tipo de capacitação dada ao professor a fim de auxiliá-lo em sua prática.

A professora do 2º ano relatou que faz adaptações com a professora da sala de recursos, o aluno frequenta duas vezes na semana a sala de recursos e acompanhado por um estagiário de pedagogia para auxiliá-los na sala de aula, percebo que este aluno caminha bem, pois ele tem um atendimento individualizando, assistem aula com a turma junto com outros alunos realiza atividades, a adaptação e feita para alguns as avaliações não tenho problemas com este aluno. Procuo não deixa-lo de fora de nenhuma atividade faço algumas adaptações os alunos são diferentes. Conto com o auxílio da professora da sala de recursos e às vezes tenho uma auxiliar, em sala de aula procuro adaptar o material que vem da prefeitura para facilitar o entendimento desse aluno.

O atendimento é planejado para atender a todos, faço algumas adaptações quando necessário procuro incluir a criança de forma participativa, o desenvolvimento deles tem dado boas respostas positivas.

Essa concepção está expressa nas Diretrizes Nacionais da Educação Básica, instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 4/2010, conforme disposto no seu art. 1º.

§ 1º Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no atendimento educacional especializado (AEE), complementar ou suplementar à escolarização ofertado em sala de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos. Portanto, todos os alunos público alvo da educação especial devem ser matriculados nas classes comuns, em uma das etapas, níveis ou modalidade da educação básica, sendo o atendimento educacional especializado – AEE ofertado no turno oposto ao do ensino regular. As salas de recursos multifuncionais cumprem o propósito da organização de espaços, na própria escola comum, dotados de equipamentos, recursos de acessibilidade e materiais pedagógicos que auxiliam na promoção da escolarização, eliminando barreiras que impedem a plena participação dos alunos público alvo da educação especial, com autonomia e independência, no ambiente educacional e social. (BRASIL 2010.).

A educação inclusiva compreende o processo educacional como um todo, de modo a superar os modelos de escolarização nas classes comuns do ensino regular e do atendimento a necessidade específica dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o processo de inclusão dos alunos com o Aspecto Autista vem aumentando nas redes Públicas e causando mudanças em todo o processo pedagógico e por sua vez certo desconforto na sala de aula/Não apenas os professores precisam estar capacitados para enfrentar esse novo desafio, mas principalmente os alunos, pais e a própria comunidade escolar – precisam compreender e conviver com alunos incluídos, todos os alunos, em destaque os autistas, o que – enriquece a formação humana de todos.

A pesquisa apresentada, a partir de entendimento dos professores, como se dá a relação “ensinar” e “aprender” com esses alunos.

O professor que está iniciando o trabalho com alunos autistas têm encontrado grande dificuldade para ensinar, pois esta tarefa depende muito de uma realidade e estrutura, que ainda não estão à sua disposição.

Acredito que a pesquisa mostrará como se dará o processo ensino-aprendizagem no cotidiano de uma turma com alunos diversos, servindo para compreendermos o processo.

Conclui-se que os professores estão se adaptando para ensinar alunos com TEA, necessitando de melhores instruções e mais apoio de outros profissionais, podendo, assim, proporcionar educação de melhor qualidade para essas crianças.

Para que a inclusão seja uma realidade, será necessário rever uma série de barreiras, além da política e práticas pedagógicas e dos processos de avaliação. É necessário conhecer o desenvolvimento humano e suas relações com o processo de ensino aprendizagem, levando em conta como se dá este processo para cada aluno.

Focar na formação profissional do professor, que é relevante para aprofundar as discussões teóricas práticas, proporcionando subsídios com vistas à melhoria do processo ensino aprendizagem.

Assessorar o professor para resolução de problemas no cotidiano na sala de aula, criando alternativas que possam beneficiar todos os alunos. Utilizar currículos e metodologias flexíveis, levando em conta a singularidade de cada aluno, respeitando seus interesses, suas ideias e desafios para novas

situações. Investir na proposta de diversificação de conteúdos e práticas que possam melhorar as relações entre professor e alunos. Avaliar de forma continuada e permanente, dando ênfase na qualidade do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. – 2. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

BRASIL. Lei 8.368, de 02 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/Decreto/D8368.htm> Acesso em 24 de maio 2018.

BRASIL. Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em 24 de maio 2018.

BRASIL Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Manual de Orientação**: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais 2010.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAIA Heber,. **Neuroeducação e ações pedagógicas/** Ana Teresa Perdomo Molter... (et.al.); Rio de Janeiro: Wak Editora,2011.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo: O que os pais devem saber?** 2. Ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

Pletsch, Márcia Denise. **Repensando a inclusão escolar:** diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual 2.ed. ver. E ampl. Rio de Janeiro: NAU,2014. 296p.

SERRA, Dayse. **Alfabetização de Alunos com TEA.** Rio de Janeiro,2018. 21cm – 160p.